

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

213

INSCRIÇÕES 762-766



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



EPIGRAFE MONUMENTAL DE MOURA

A 18 de Setembro de 2020, foi-nos dada a conhecer a fotografia deste elemento arquitectónico com inscrição, que integrava uma colecção doada à Câmara de Moura. A sua proveniência original é, por enquanto, desconhecida; sabemos, no entanto, que, no local onde foi fotografada, o pátio dos antigos Paços do Concelho (atual Biblioteca Urbano Tavares Rodrigues) albergou, durante anos a fio, elementos arquitectónicos recolhidos no vizinho castelo, bem como materiais provenientes de outros sítios. Tivessem eles real valia científica ou fossem apenas curiosidades, eram recolhidos com devoção pelo responsável pela biblioteca, João Francisco da Mouca.

Entre os anos 40 e 60 do século XX teve lugar a demolição do bairro intramuros e de grande parte das estruturas do convento de N^a. Sra. da Assunção. Esse processo, bastante demorado, permitiu uma paulatina acumulação de materiais pétreos, muitos deles reutilizados, ao longo dos séculos, em diversas construções.

A peça que ora se publica fez parte desse espólio. Não sabemos a data em que ali foi depositada. Mas ela é a protagonista de uma fotografia da segunda metade da década de 70, da autoria de Pedro Floreano (1927-2000). O popular fotógrafo mourense trabalhava então, de forma esporádica, para a Comissão Municipal de Turismo e dedicava-se a registar diversos aspetos da vida local.

A inventariação da sua obra, em curso no Arquivo Histórico Municipal, tem permitido identificar diversos materiais de natureza histórica e/ou arqueológica. Foi durante esse trabalho que o historiador José Francisco Finha localizou a fotografia em anexo (Fig. 1) e nos inquiriu sobre a sua funcionalidade.

Trata-se de um elemento arquitetónico epigrafado, do período romano, relativamente ao qual não existia qualquer registo nos inventários do museu. Felizmente conseguimos ainda localizar a peça, num dos depósitos do Museu Municipal, onde permanecia agrupada com outros elementos arquitetónicos provenientes do Castelo de Moura.

O fragmento de lintel, de mármore de São Brissos-Trigaches, de formato paralelepípedo, com 70 cm comprimento, 12 de altura e 21,5 de largura, mostra sinais de ter sido reaproveitado como soleira de porta, nomeadamente na sua face superior, alisada, onde são visíveis dois buracos de gonzo (Fig. 2). A face exterior (epigrafada), foi bem alisada a esmeril e mostra restos de arranque da cornija (Fig. 3). A superfície inferior encontra-se em bruto, bem como as duas extremidades que aparentam estar fraturadas (Fig. 4).

Leitura:

IN HONOREM DOMV[S] [DIVINAE] [...]

Em honra da Casa Divina...

Altura das letras: 6,5/7 (I = 8,5; N = 7,5).

Não há pontuação.

Caracteres gravados com badame, em bisel, denotando ligeira inclinação para trás. De altura irregular, por não ter havido prévias linhas de pauta, são actuários e apresentam serifas: H de barras bem perpendiculares ao travessão, O ovalado, R desenhado a parti do P, E esguio, aberto. A pedra partiu à direita pela segunda haste do V.

A expressão *In honorem Domus Divinae* costuma encimar monumentos públicos mandados fazer por magistrados locais, que, para sensibilizarem, de certo modo, o poder central, decidem mandar gravá-la a anteceder o texto em que especificam

o monumento erigido e as circunstâncias em que o foi.

Veja-se, como exemplo, HEpOL n° 1784, de Burguillos del Cerro, Badajoz, em que o construtor de umas termas (*balineum aedificavit*), o duúnviro *Gaius Aufustus Modestus*, assim como o seu filho *Gaius Aufustus Avitus*, que as dedicou organizando um espectáculo circense, houveram por bem consagrar o edifício *in honorem Domus Divinae*.

Outro exemplo, também peninsular, de Granátula de Calatrava, Ciudad Real (HEpOL 9362), refere que *Publius Baebius Venustus · petente · ordine · et · populo · in · honorem · domus divinae · pontem · fecit · ex · HS XXC (milia) · circensibus · editis · dono · dedit · idemque · dedicavit*, ou seja, sob a mesma dedicatória à casa imperial, informa que gastou 80 000 sestércios, a pedido da ordem dos decuriões e do povo, para fazer uma ponte e promoveu a festa da sua inauguração, também ele com um espectáculo circense.

Na Quinta de Torre d'Ares (Luz, Tavira), onde se localizou a cidade romana de *Balsa*, identificou-se um fragmento arquitectónico com duas inscrições em faces distintas. Reconstituiu-se numa [EX DECRETO DECVRI?]ONVM R(es) P(ublica) BAL[SENSIVM?]; na outra apenas resta DOM[...]. Tem-se proposto interpretar o monumento como testemunho de uma «obra de boas proporções levada a cabo com a intervenção directa dos magistrados da «respublica», erguida [IN · HONOREM ·] DOM[VS DIVINAE] (IRCP 75). Seria, pois este o primeiro testemunho da presença desta fórmula no Sul da Lusitânia.

Marie-Thérèse Raepsaet-Charlier ensaiou, em 1975, uma pesquisa tendente a datar as inscrições que tivessem tal fórmula. Concluiu que o mais antigo testemunho data do ano 33. A inscrição está na base de uma estátua dedicada, em *Lucus Feroniae*, na chamada *Regio VII* da Península Itálica, por um séxviro augustal, *Publius Sestius Corumbus* de seu nome, que usou para o efeito o seu dinheiro e a quantia estipulada para gastar em prol da comunidade: *ex pecunia sua et honoraria*. A inscrição fora dada a conhecer em 1971 (AE 1978, 295).

Note-se que na Bretanha a fórmula *in honorem domus divinae* somente ocorre em quatro inscrições. Do mais de meio milhar de testemunhos documentados no mundo romano, sublinhe-se a sua frequência na Bélgica, onde se registou mais de

uma centena. Rara até quase finais do século II, torna-se comum no III e continua no IV. A frequência do seu uso determinou que, amiúde, se mencionasse apenas pelas siglas IN H. D. D., como acontece na terceira (ou quarta, se considerarmos a de Balsa) inscrição hispânica que, até agora, a apresentava: a dedicatória de dois irmãos, *Celer* e *Lepidus* inscrita numa grande pedra, quicá o epistilo de uma edícula (CIL II 3531 = HEpOL 9605).

Sirvam estes dados para demonstrar a grande importância deste achado, a posicionar Moura no rol de sítios romanos a que doravante se há-de dar ainda mais atenção.

BIBLIOGRAFIA

AE = *L'Année Épigraphique*, Paris: CNRS.

CIL II = HÜBNER, Emilio – *Corpus Inscriptionum Latinarum* – II. Berlim: Academia das Ciências de Berlim. 1869 e 1892.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid, acessível em <http://eda-bea.es/>

IRCP = ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 2013 [<http://hdl.handle.net/10316/578>].

RAEPSET-CHARLIER, Marie-Thérèse, «La datation des inscriptions latines dans les provinces occidentales de l'Empire Romain d'après les formules “in h(onorem) d(omus) d(ivinae)” et “Deo, Deae”», in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II, 3, Berlim, 1975, p. 232-282.

JOSÉ GONÇALO VALENTE

SANTIAGO MACIAS

JOSÉ D'ENCARNÇÃO



1



2



3



4

762

UNA POSIBLE DEDICATORIA A *LIBER PATER*
 EN *CAVRIVM* (CORIA-CÁCERES)
 (*Conventus Emeritensis*)

Recientemente ha llegado hasta nuestras manos material gráfico de una inscripción en la localidad cacereña de Coria. La piedra se encuentra empotrada en el pavimento de una vivienda de la calle Rey, muy cerca del ayuntamiento y en una de nuestras últimas visitas al solar de la antigua *Caurium* girada hace pocas fechas nos acercamos a la mencionada vivienda para intentar hacer un estudio de la pieza; pero, desgraciadamente, a pesar de las intensas gestiones, no se nos permitió el acceso.

Se trata de uno bloque rectangular de granito claro que parece estar partido en los extremos superior e inferior. La rotura superior ha podido afectar a la decoración de la cabecera, donde se observa una incisión profunda en forma semicircular, posiblemente un símbolo solar, pues no parece tratarse del típico creciente lunar con las puntas hacia arriba. El neto inscrito está rebajado dentro de una cartela con cuatro líneas de texto. Está muy deteriorado especialmente las dos últimas, líneas de las que apenas se insinúan algunos trazos.

Puesto que no hemos tenido ocasión de hacer la autopsia de la inscripción desconocemos sus medidas.

ARENV- vel APINV-
 S · LIVE-
 [RO PAT(ri)] [?]
 A(ram) · P(osuit) · L(ibens) · [?]

Las letras, con *ductus* irregular y grabado poco profundo, son capitales cuadradas con rasgos rústicos y la interpunción en punto. El estilo tosco de la talla y la deficiente paginación habla de un taller poco profesional.

Línea 1: Comienza con una A que no parece llevar travesaño. A continuación una letra muy deteriorada que, por el contexto, debe de ser R o P, seguido de una E o I. El resto de letras se distinguen con toda nitidez: la N, muy irregular, es más abierta en el segundo tramo; y la V va con el vértice redondeado. Al final de la línea pudiera parecer que se haya grabado una S, pero en realidad se trata de una ilusión óptica, pues la supuesta letra estaría fuera de la caja, donde el enlucido distorsiona el perfil de la inscripción.

Línea 2: Comienza con una S, un signo de puntuación y las letras LIVE. Teniendo en cuenta la separación de los grafos, no parece haber espacio para otra letra, aunque no nos atrevemos a descartar aquí una posible R, deducible por el sentido del texto más que por su presencia en el mismo.

Línea 3: El texto está muy borrado, aunque se atisban algunos trazos más oscuros correspondientes a las letras perdidas difícil de identificar, pero deducibles del contexto.

Línea 4: Se aprecia el remate triangular del asta inclinado de la A y un más que probable signo de puntuación. A continuación P, otro signo de interpunción y una mancha inidentificable que podría corresponder a una L seguida de punto.

Aunque a primera vista el soporte pudiera llevarnos a considerar un texto funerario, creemos que se trata de una dedicatoria a *Liber Pater*. No se puede descartar, sin embargo, que la invocación fuera dirigida hacia la pareja *Liber* y *Libera*, aunque, de ser así, el nombre de la divinidad en la tercera línea iría abreviado a juzgar por el espacio existente.

El nombre del dedicante presenta algunas dificultades. Pudiera ser *Arenus*, antropónimo poco frecuente en la epigrafía hispana, aunque los nombres basados en la raíz *ar-* son muy comunes en el occidente peninsular, especialmente en Lusitania¹. *Arenus* no es desconocido en la epigrafía cacereña, pues está atestado como antropónimo de la filiación en una inscripción

¹ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria 2005, 167 ss.

de Deleitosa² y en otra de Montánchez³, donde aparece como *cognomen* de un individuo con *tria nomina*⁴ que por su gentilicio, *Norbanus*, procedería del sustrato indígena. Pero pudiera ser también *Apinus*, más acorde con la onomástica de la zona. Se trata de un antropónimo documentado ya en más de una ocasión en la epigrafía cauriense; concretamente a la entrada del palacio de los Duques de Alba, junto a la catedral, hay una inscripción en la que se conmemora a la difunta *Apina* por parte de su hija *Pisira*⁵; y en otra reutilizada como sillar en la muralla, en la zona conocida como “el Cubo”, se repite este nombre en una bella inscripción con la representación del rostro del difunto entre dos brazos⁶.

La divinidad invocada parece ser *Liber Pater* que aquí aparece con U consonántica, como en la inscripción hallada en la localidad también cacereña de Jarilla⁷ o la procedente de la freguesía portuguesa de Boticas, Vila Real⁸. Los testimonios epigráficos del culto a *Liber-Libera* se extienden por toda la Península Ibérica y en la provincia de Cáceres se concentran en torno a *Turgalium*, donde se documentan cinco testimonios en

² ESTEBAN ORTEGA (Julio), «Estela de L. Goutius, Deleitosa, Cáceres», *Ficheiro Epigráfico* 110, 2013, nº 481.

³ SALAS MARTÍN (José) y ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Norba y los Norbani de la Península Ibérica*, Cáceres 1994, 126, nº 38; también ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba*, Cáceres 2007, 184, nº 245.

⁴ Se trata de *M. Norbanus Arenus*, un indígena que adoptó el nombre del fundador de la colonia *Norba Caesarina* y conservó su antiguo antropónimo como *cognomen* en su nueva denominación.

⁵ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres IV. Caurium* [CILCC IV], Cáceres, 2016, nº 1179 = *CIL* II, 772.

⁶ DÍAZ MARTOS (Arturo), «Inscripción en Coria (Cáceres)», *Revista de Estudios Extremeños* 13, 1957, 358 = *CILCC* IV, 1181.

⁷ Sayans leyó *Severus* en lugar del teónimo, véase SAYANS CASTAÑO (Marceliano), *Artes y pueblos primitivos de la Alta Extremadura*, Plasencia 1957, nº 5. Más recientemente nosotros mismos consideramos esta inscripción como una dedicatoria a *Liver-Livera*, cfr. ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres III. Capera*, Cáceres 2013, 73, nº 980.

⁸ RODRÍGUEZ COLMENERO (Antonio), *Aquae Flaviae. I: Fontes epigráficas*, Chaves 1987, 92, nº 50. Este autor, sin embargo, pone en duda la lectura del texto y J. M. García (*Conimbriga* 27, 1988, 214) rechaza la lectura del teónimo (cfr. *HEp* 2, 1990, nº 837).

inscripciones de Herguijuela⁹, Robledillo de Trujillo¹⁰, Zorita¹¹ y la propia Trujillo¹². Un solo caso se conoce en el entorno de *Capera*, procedente de Jarilla¹³; y otro en territorio norbense, en el límite con la provincia de Badajoz, en el contexto de la Sierra de San Pedro¹⁴.

En territorio cauriense contamos con dos testimonios procedentes de las localidades de Moraleja¹⁵ y Villamiel¹⁶. En el primer caso el devoto es un individuo con *tria nomina*, un tal *C. Alionius Severinus*, que carece de filiación, por lo que probablemente sea un indígena romanizado; además porta un sospechoso gentilicio, que sepamos, desconocido. El segundo de los devotos, *Tongetamus Cauni*, procede del sustrato local, a juzgar tanto por su onomástica como por la de su progenitor.

Nuestra interpretación del texto como una dedicatoria a *Liber Pater* se fundamenta en la existencia de un posible santuario de esta divinidad en la zona. Esta es al menos la opinión de Melena, quien habla de un santuario donde se practicaba la *incubatio*, a juzgar por la expresión *ex visu* que aparece en el ara de Moraleja¹⁷.

⁹ ROSO DE LUNA (Mario), «Nuevas inscripciones romanas en la región norbense», *BRAH* 44, 1904, 131; y ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* [CILCC II], Cáceres 2012, 516.

¹⁰ RAMÓN Y FERNÁNDEZ OXEA (José), «Antigüedades cacereñas», *BSAA* 11, 1944-45, 88-89 = *CILCC* I, 250.

¹¹ FERNÁNDEZ CORRALES (José María) y REDONDO RODRÍGUEZ (José Antonio), «Liber Pater et Libera: Nuevo hallazgo en Zorita (Cáceres)», *Anuario de Estudios Filológicos*, 1985, 68-70 = *CILCC* II, 896.

¹² *CILCC* II, 724 y 725.

¹³ *CILCC* III, 980.

¹⁴ MELENA (José Luis), «Notas de epigrafía romana de Extremadura. I. Sobre un pretendido teónimo nuevo en Lusitania», *Veleia* 7, 1990, 147 ss. = *CILCC* I, 123.

¹⁵ *CIL* II, 799 = *CILCC* IV, 1270.

¹⁶ RUBIO ALJA (José), «Nuevas inscripciones romanas», *Zephyrus* 6, 1955, 299 = *CILCC* IV, 1307.

¹⁷ MELENA (José Luis), «Salama, Jálama y la epigrafía latina del Antiguo Corregimiento», *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*, Vitoria 1985, 496.

Nosotros mismos, en un trabajo reciente, señalábamos la presencia de una tríada de divinidades romanas – *Iuppiter Solutorius*, *Liber Pater* y *Bellona* – llegadas desde la romanizada *Turgalium* hasta *Caurium*. Esta ciudad, bañada por las aguas del Alagón, cuenta con un elenco de divinidades, todas ellas procedentes del panteón indígena, y junto a ellas se documenta una escasa representación de divinidades romanas, algunas de la cuales pudieron llegar a estas tierras transportadas por el contingente de población arribado desde tierras turgalienses. Este desplazamiento de gente puede estar relacionado con la explotación a cielo abierto de los ricos filones auríferos situados algo más al norte de la provincia de Cáceres, en tierras de Valverde del Fresno, para lo cual excavaron profundas zanjas denominadas “vieros”, cuyos rectilíneos trazados siguiendo la veta del mineral durante kilómetros pueden verse en las fotografías aéreas¹⁸.

Si nuestra lectura es correcta, esta inscripción de Coria vendría a ampliar el número de testimonios de esta divinidad en territorio cauriense.

JULIO ESTEBAN ORTEGA
JOSÉ ANTONIO PAJUELI JIMÉNEZ

¹⁸ ESTEBAN ORTEGA (Julio), «Epigrafía romana de Moraleja. Una nueva inscripción de *Iuppiter Solutorius* y algunas consideraciones sobre su culto», *Anas* 25-26, 2012-2013, 8-9.



764-766

EPIGRAFES DO MONTE DO OLIVAL DOS FRADES, BALEIZÃO, BEJA (*Conventus Pacensis*)

Apresentam-se três monumentos que se encontram na posse da Sra. Amélia Castelo Branco¹, no Monte do Olival dos Frades, freguesia de Baleizão, concelho de Beja.

Desconhecemos os contextos arqueológicos em que foram recolhidos, pois são abundantes as *uillae* na zona envolvente. Registe-se que as peças se encontram na posse da família há mais de 30 anos, e que os ascendentes da Sra. detiveram em sua posse uma extensa propriedade com base na Quinta do Paço do Conde e que abrangia ainda o Vale de Alcaide. Existem neste espaço vários assentamentos de época romana, podendo as peças ser provenientes de qualquer um deles. Inclusivamente, a base de coluna com inscrição é igual a uma outra (o mesmo tipo de mármore, as mesmas dimensões e o mesmo estilo) que está guardada no vizinho “monte” do Paço do Conde, onde se sabe da existência de uma *villa* romana e de onde já foram publicadas duas *cupae*.

764 – Ara funerária

Fragmento da metade esquerda (quando vista de frente) de uma ara funerária de mármore de veios cinzentos (São Brissos/Trigaches)

¹ Agradeço à proprietária a devida autorização para o estudo das peças, bem como ao Sr. José Suzano e ao Sr. Fernando Valente a indicação da existência e localização das peças. A Guilherme Cardoso agradeço as fotografias e o apoio no estudo, agradecimento que estendo a Maria Luísa Batalha. Agradeço ainda a José d’Encarnação alguns apontamentos importantes para a elaboração do presente texto.

romana, que conserva 87,5 cm de altura (Fig. 1). No capitel, um toro e parte do tímpano. A separação entre o capitel e o fuste é feita através da utilização de dois pequenos toros com 2 cm de altura. Base: 12 x 28 x 14 cm. A sua separação também é feita através de dois toros de 2 cm de altura. O fuste tem 36,5 cm de altura, 14 de espessura e conserva 27 cm do seu comprimento.

O monumento tem ainda parte da delimitação do campo epigráfico, obtida através de um enquadramento rectangular, com 27 cm de altura máxima e uma largura de 14 cm. Do texto que outrora ali foi gravado pouco ou nada resta em condições de leitura, percebendo-se, aqui e ali, alguns traços de letras muito desgastadas pelo tempo e pela acção dos agentes naturais a que esteve exposta.

Na face esquerda, ostenta a gravação mui preciosa de um jarro do tipo *lagoena* (Fig. 2).



765 – Base de coluna com inscrição

Base de coluna de mármore de veios cinzentos (São Brissos/Trigaches). O plinto, praticamente completo, é quadrangular, com 37 cm de lado e 5 de altura (FIG. 3). A base, circular, apresenta 20 cm de altura e um diâmetro de 31.

Na base onde assentava o fuste, a seguinte inscrição:

V (invertido) IIII (*novem*)?

As letras apresentam todas 5 cm de altura e distam entre si 2 cm. Poderia tratar-se de uma marcação para definir o posicionamento da base num determinado ponto, ou identificar qual o fuste de coluna que sobre ela deveria ser colocado. Poderia também ser (mais dificilmente) uma marca de canteiro.

A tipologia da base de coluna aponta para uma cronologia a rondar o século I.



766 – Base de ara ou de cipo

Base de ara ou de cipo de mármore de veios cinzentos (São Brissos/Trigaches).

Apresenta as seguintes dimensões: 19 x 43 x 31.

JORGE FEIO

